

Apresentação

Este número da *Cadernos* abre com um Dossiê de sete artigos abordando aspectos da tradução poética. Escritos por Sérgio Medeiros; Álvaro Faleiros; Eduardo de Oliveira Batista; Lauro Amorim; Marlova Aseff; Ricardo Cunha Lima; e Rosane de Souza, Raquel Yee e Ronaldo Lima, os artigos são analisados no texto de entrada “A tradução poética em jogo”, em que Faleiros pondera sobre as várias possíveis traduções que habitam um mesmo texto polissêmico. Além do Dossiê, este número traz uma bela entrevista com o renomado poeta e tradutor Nelson Ascher, assim como ensaios e traduções:

Em “*Finnegans Wake* e seus personagens tradutores”, Dirce Waltrick compara os personagens da obra de James Joyce a mensageiros que, à semelhança de tradutores (ou ajudantes), “portam uma luz que não vem deles”. A autora então se pergunta quem seria o protagonista: “não seriam todos os personagens apenas ajudantes, que circulam na narrativa a serviço da linguagem, essa sim a grande protagonista do livro?”

A seguir, Juliana Steil nos oferece sua tradução comentada de “Sobre a poesia de Homero [e] sobre Virgílio”, da lavra do poeta William Blake.

Em “A tradução literária com base no perspectivismo”, Giselle Migliari discute a tradução sob uma perspectiva interpretativa, revisitando ao mesmo tempo a teoria da “inexistência dos sentidos únicos”, defendida por Nietzsche, e os argumentos desenvolvidos por Rosemary Arrojo em *Oficina de Tradução*.

Apresentação

Maria Gloria Mazzi traduz do italiano o conto “La casa venduta”, que traz uma tocante amostra da tipologia de personagens alquebrados desenvolvidos pelo autor Federigo Tozzi. A opressão sofrida por Torquato é progressivamente transmitida aos leitores, que vão se sentindo cada vez mais diminutos diante da incapacidade do protagonista de reagir a humilhações e mudar seu destino.

Eduardo Freitas traduz o primeiro ato de *The shawl*, procurando manter a vivacidade dos diálogos de David Mamet. A peça “O xale” é tida por muitos críticos como metáfora do processo teatral, refletido no protagonista, um mestre na arte de ludibriar – ou não? – aqueles que o procuram.

Uma tradução teatral é também o que Iaci Pinto Souto nos apresenta, vertendo do alemão “Prometeu: Fragmento Dramático”, mito caro a Goethe e obra pouco conhecida de sua juventude.

Também do alemão, Simone Gonçalves traduz o primeiro capítulo do único romance do ilustrador Alfred Kubin, “O outro lado”, publicado em 1909. Tida como uma “obra menor” por alguns críticos, por outros tantos é celebrada como visionária, uma alegoria do Estado totalitário que avassalaria a Europa tempos depois.

A terna crônica “Sentimentos pátrios nas ruas de São Paulo”, do Nobel de Literatura Orhan Pamuk, é traduzida do alemão e comentada por Augusto Rodrigues.

Natural da Turquia como Orhan Pamuk, o poeta e tradutor Cemal Süreya, morto em 1990, é nos apresentado por Marco Syrayama em cinco poemas plenos de imagens enigmáticas e associações de ideias inesperadas, características de sua obra poética.

A seguir, Mariana Campos de Almeida nos oferece sua tradução do poema “Transitoriedade”. Escrito na primavera de 1919, após o término da 1ª Guerra Mundial, o poema seria o prenúncio do “fim da guerra particular” de seu autor, Hermann Hesse.

Também traduzido do alemão, mas escrito em circunstâncias muito diversas – depois de padecer anos em campos de concentra-

ção nazistas – “Fuga Fúnebre”, de Paul Celan, é vertido ao português por Karin Bakke Araújo, que procura seguir o ritmo do autor.

Expressando em sua obra uma forte ligação com a linguagem e o catolicismo, a autora irlandesa Eiléan Ní Chuilleanáin surge na tríade de belos e enigmáticos poemas traduzidos pela poeta e professora de língua inglesa Luci Collin.

O jovem poeta e tradutor Reginaldo Bittencourt é uma boa surpresa com suas versões para o inglês de nove sonetos do *poeta da morte* Augusto dos Anjos.

Por fim, somos agraciados com a entrevista do poeta e tradutor Nelson Ascher, que revisita sua infância e revela como se deu sua descoberta da literatura e da poesia, seu ingresso no mundo da tradução, um pouco de sua trajetória e de seus atuais projetos. A revista fecha com uma seleta de poemas de Gonçalves Dias, Alphonsus de Guimaraens, Augusto dos Anjos, Carlos Drummond, Vinícius de Moraes, Caetano Veloso e Fernando Pessoa vertidos para o inglês pelo nosso entrevistado.

“And long live our wonder”.

Os editores

São Paulo, setembro de 2010